



Gaiato

23 DE SETEMBRO DE 1967
ANO XXIV — N.º 614 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO CASA DO GAIATO ★ FAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR PADRE CARLOS

FUNDADOR *Pai de América*

VALES DO CORREIO PARA FAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENARIO
COMPOSICÃO E IMPRESSÃO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

AREIAS DO CAVACO

Pois é verdade. Por imposição do Alberto, mestre-paginador do nosso jornal, e na ausência de prosa do nosso P.e Manuel António, que teve entradas de leão, na assiduidade com que esta coluna aparecia no Famoso... — aqui estou eu a emoldurar a foto que me **obriga** a esta legenda um bocadinho mais prolixa do que é o habitual das legendas. E para dizer o quê? Que em Benguela anda tudo em revolução com as Festas. Que, os Amigos da Ganda, Cubal e Alto Catumbela tiveram consigo os Gaiatos, respectivamente em 16 e 17 de Setembro e Benguela teve no dia 11 a repetição que exigiu do espectáculo de 4 de Agosto.

E que há ainda Nova Lisboa e Sá da Bandeira em projecto. E que o ano passado havia, e este ano não sei, a hipótese de ir a Luanda.

O mundo é pequeno! E os nossos de Benguela querem provar que Angola, pelo menos, não é tão grande como parece!



Filhos ilegítimos?

Aquilo que o Redactor da lei tem vindo a dizer e nós a comentar, acrescenta agora ele, timidamente: «É claro que o que temos dito não autoriza a esquecer-se a gravíssima responsabilidade em que incorrem os pais ilegítimos pela circunstância de gerar seres humanos sem as condições imprescindíveis, que só a família pode assegurar. Compete aos progenitores ilegítimos o gravíssimo dever de, na medida do possível, atenuar o mal que causaram, e não pode deixar de entender-se que os próprios filhos, quando atingem a maturidade, devem, por piedade filial, concorrer para exonerar os pais desse encargo».

Ora aqui temos em dois breves períodos três vezes o adjectivo grave, duas delas no superlativo, a qualificar três substantivos que exprimem idêntica realidade moral: **responsabilidade, dever e encargo.**

Muito bem! Mas de quê, em concreto, dispõe a lei, a Autoridade, para fazer cumprir o gravíssimo dever àqueles progenitores ilegítimos que espontaneamente o não cumprem? Que se vê? Vê-se multidão de filhos destes pais ilegítimos (Aproveitemos a aplicação do adjectivo aos pais, que também neste trecho do Autor da lei surge mais abundante!) abandonados à sua sorte: umas vezes porque o pai é incógnito e portanto não há a quem atribuir a gravíssima responsabilidade; outras, talvez a maioria, porque embora conhecido o pai, o reconhecimento não é oficial e estamos caídos no primeiro caso; outras, porque havendo embora reconhecimento oficial do pai ilegítimo, se encontra da parte deste, sobretudo se também chefe de família legítima, certa facilidade em fugir ao grave encargo, ao abrigo daquela concepção de intocabilidade da família legítima que vimos já ser o espírito do legislador. Aliás, até nas próprias fugas em relação à família legítima, se encara a cada passo a rabelisse com que gente de má consciência se furta impunemente às medidas de protecção à Família determinadas pela Autoridade. De modo que, mesmo quando há uma intervenção judicial, esta resulta muitas vezes em ineficácia.

O elenco das nossas Casas é a demonstração viva destas categorias de crianças. O grupo dos orfãos ou daqueles cuja família é física ou só materialmente incapaz de os ter é o menos numeroso. A maioria é formada pelos incógnitos (já os temos tido, e temos, até em relação à ascendência paterna e materna!) e pelos oriun-

A OBRA DA RUA

em MOÇAMBIQUE

O tempo da partida aproxima-se. Como é natural, o grupo que vai vive já muito em função do novo rebento que se prepara. Não há dia em que me não cheguem aqui requisições para as mais diversas coisas necessárias, desde as que o são estritamente, como ferramenta, material de trabalho, utensílios caseiros indispensáveis, até àquelas, também muito convenientes, mas que me aparecem já com um certo rodeio, a ver se eu caio. A esta última categoria de objectos pertence a máquina fotográfica («Sem ela — dizem-me eles — como vamos de mandar fotografias pró jornal?!...») e o gravador («Sem ele — me repetem — como vamos de ouvir Pai Américo e as gravações das Festas de cá e preparar as que lá vamos de fazer?!...»). Eu não sei quem é o das ideias, mas noto muita iniciativa e muitos cuidados com o que hão-de levar! Vamos a ver quem me ajuda a calá-los... Ontem à noite estivemos a desembrulhar retalhos que hão-de dar os lençóis e mais roupa de cama. Para a Capela, além do Cálice, já temos Píxide e Missal. Têm vindo roupas e alguns pequenos utensílios.

Também pequenas contribuições em dinheiro. Mas esperamos que o rol aqui publicado dois números atrás não caia no rol do esquecimento e os Senhores me não deixem sozinho a aturar as necessidades de todos quantos vão.

A primeira casinha para um dos casais que vão trabalhar connosco começará em breve a ser contruída, mesmo antes de lá chegarmos, graças à boa-vontade de um Engenheiro amigo que se ocupará da obra. Logo após, será a outra para o segundo casal. E, na última reunião dos padres, estudando a casa que já existe, vimos a possibilidade de, com pouco dispêndio e utilidade definitiva, arranjarmos poiso provisório para alguns Rapazes cuja necessidade mais urgente se não compadega com a espera pela construção da Aldeia. Assim, depois da próxima Festa do SS.mo Nome de Jesus, esperamos que os nossos idos daqui, hão-de ir buscar pela mão irmãos de lá que introduzirão naquilo que é seu. São horas altas de vida de Família que vamos antegozando. A

— CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA —

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

PELAS CASAS DO GAIATO

Azurara

Agora vou partir, sinto as saudades do mar e dos rapazes que saltaram comigo nesta praia.

Sinto-me feliz e contente ao partir. Trago a malta mais agarrada ao coração. Afinal muitos são melhores do que eu pensava; outros ainda não os cheguei a compreender; contudo amo-os como irmãos.

Amigos leitores sou-vos desconhecido neste querido jornal, escrevo para vós e para mim e para vos dar algo de novo. Os dias amontoavam-se uns sobre outros, uns de sol brilhante, outros de nevoeiro cerrado. As horas corriam sempre diferentes, cada uma me dava um tema diferente para descrever nesta pequena crónica. Tudo isto me deixou saudades. Tive momentos bons e maus, os primeiros fizeram baixar de longe o prato da balança. Quanto aos segundos nunca deixaram de existir onde houver a pobre fraqueza humana. Todos sofremos algo, e se largamos a cruz que nos

dá a vida quotidiana somos cobardes.

O meu tempo não foi óptimo, pois podia ser melhor, mas as virtudes dos meus colegas alegraram-me e os defeitos ajudaram-me a ser humano, vendo com mais força de vontade os meus e a suportar de boa mente os dos outros.

Encontrei a casa mais bonita e agradável, a mim parecia-me mais fina debaixo dos meus pés.

A nossa familiaridade foi grande. Junto de nós tivemos a presença amiga e paternal do nosso Júlio Mendes com os seus filhos.

Impressionou-me o esforço e a dedicação das senhoras que nos ajudaram como mães e mestras.

Quem lhes dará o tributo da recompensa? Só a união entre todos, a amizade, o carinho para os mais novos e o respeito para os mais velhos. Assim o seu esforço não será fortuito!

M. Rosas

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Sábado passado levámos o fogo vicentino a uma freguesia vizinha.

Anteriormente, havíamos preparado caminho. Primeiro, o pároco — cabeça na Igreja. Depois, os leigos. Braços abertos nos dois campos! Demos graças a Deus. E andamos prá frente!

Fomos todos os vicentinos de Paço de Sousa, na furgoneta de um deles. O encontro foi no salão paroquial. Esperá-vos o Pároco e os futuros recoveiros dos Pobres.

Apesar da nossa pobreza expusemos, em conjunto, a necessidade da Obra. Cada um de nós teve a sua palavra. Que se resumiu, afinal, naquela expressão felicíssima de Pai Américo: «Cada freguesia cuide dos seus Pobres». E há muito que um ror deles vem de lá a nossa Casa, por ajudas! Uns que merecem,

outros não. E aqui reside o valor, a necessidade de homens apaixonados. Saber como e onde trabalhar. Saber acudir. Saber amar, em suma. Amar os outros, como Cristo nos amou.

Cingimo-nos, no período das explicações, às actuais informações do Manual, a que Ozanam deu sua vida. Depois, fizemos a nossa reunião, como se fosse em Paço de Sousa. Focámos os problemas do dia a dia entre os nossos Pobres. Um exemplo claro, vivo, prático e desprezencioso do nosso humilde trabalho. O entusiasmo crescia. E os novos recoveiros levantaram voz. Queriam saber. E trabalhar. Os olhos riam. E estabelecemos uma atmosfera cordial! A Caridade tem de começar por nós... lembrámos. O patrono da nova Conferência é o Divino Salvador. E é Ele que há-de

dar Vida àquele núcleo de vicentinos para que, praticamente, façam ver a seus irmãos da paróquia que os Pobres, a aflição dos Pobres, deve fazer parte das suas aflições.

No fim, como é habitual, foi a colecta. O seu valor, pequenino, é a primeira receita da Conferência nascente. Os novos ficaram estupefactos. E isso dá força para que batam a todas as portas da freguesia, solicitando ajuda para o problema dos que sofrem.

O QUE RECEBEMOS — De Vilar de Mouros, 20\$00. O mesmo da nossa grande amiga A. F., do Porto. Ficamos muito contentes em vê-la por cá! Ainda o mesmo, com extraordinário sacrifício, da «Viúva do Porteiro». O óbulo da viúva é o melhor sal do nosso trabalho! Deus lhe dê um pouco mais de saúde. E muita coragem para sofrer todos os males. Mais 50\$00 de S. João da Madeira. Mais 100\$00 do nosso Fernando Cid. Gosto imenso de ver por cá a presença dos nossos! Há mais. Sim senhor. São duas do nosso fugitivo — o Manuel Teixeira. Saboreiem esta sua carta, cheia de simplicidade:

«Fiquei contente por saber que sempre receberam o que mandei. Andava com uma certa preocupação. O que me levou a fazer isto foi simplesmente que no último artigo da «conferência» dar-se por muito satisfeito quando afinal só foram 2 ou 3 presenças. E eu prometi a mim mesmo que havia de fazer alguma coisa e assim queira Deus que sempre faça».

Estas cartas levantam-nos! Mais uma. É de um leitor de Matosinhos:

«Envio estas roupinhas muito modestas para os Pobres. Peço uma oração pelo menino de que eram as roupas e pela pessoa que as arranjou. A camisa de adulto é para os meus Pobres. Logo que possa envio mais».

Isto é que é formidável — o cuidado e o interesse: «Logo que possa envio mais»:

Finalmente, os últimos são os primeiros: 300\$00 de uma Senhora de Coimbra, que mandou 1.000\$00 e coube-nos aquela importância.

Para todos o nosso muito obrigado. Deus lhes pague.

Júlio Mendes

A causa por que nos batemos é daquelas que naturalmente não entusiasma. Pelo contrário. Por isso, não temos subido ao púlpito. Nem inquietado a Direcção-Geral da Assistência. Muito menos batido a portas particulares. Confiámos e só no caudal que aqui corre certinho.

O avô acaba de contar os seis anos e meio do neto com nota de 50\$. Temos registado sempre a sua presença mensal. Doente para doente aqui está como sempre costuma. Luíza com outro tanto e roupas do marido que Deus tem. Quem será este anónimo que todos os meses vem com uma OFERTA? Velha amiga do Porto com cem. Regina com igual soma. Humilde portuense com nota semelhante. Portuense qual-quer não podia faltar. Antonieta, do Dafundo, também não. E desta vez com acréscimo de 200\$, contribuição de suas férias. Quem mais se lembrou de tirar uns tantos por cento do dispendido em férias para os Pobres? Até agora só sei desta senhora. Isaura da Batalha com cem. Lídia, do Banco de Portugal, com cinco notas de vinte. Helena, de Lisboa, com 5.000\$, que traziam muita inquietação pela causa inquietante dos Pobres. Maria de Oliveira com mais cem. Humilde portuense torna, fatigada mas alegre com mais cem. A. Dias com outros cem. Maria de Loures de Setúbal com 500\$. Alguém com migalha pela conversão dos afastados. Do Banco de Portugal mais 160\$ de cotização. Maria Elvira com 300\$. M. A. P. com 1.000\$, pedindo que nos lembremos do marido e dos seus filhos. Maria Júlia com 100\$ pela conversão



de pessoa amiga. Maria Amélia com metade. A. Fernanda com outro tanto. Ernest Oswald com o mesmo. Dina de Lisboa com 500\$ de promessa. Grupo de professores da Escola Josefa de Obidos com 1.915\$. Têm vindo todos os anos e parece que desejam prosseguir. António Rodrigues pela mãe que o Senhor chamou. Alentejana com mil agradecida. O mundo não faz assim. Esperam que lhe agradeçam. Alfredo de Braga com 300\$. Desembargador com 20\$. Os Serviços Administrativos da Maternidade Alfredo da Costa, em campanha de Tostão compraram muitos artigos de roupa para os nossos doentes. Filho de ass. com 100\$. Luís com metade. Margarida com outro tanto. Maria José com mais cem e Maria da Nazaré de novo com metade. Lina com 500\$00. Serafim com 500\$. M. J. com outro tanto. Rapariga de Lisboa com metade do ordenado. A gente gostava de comentar, mas o caudal não deixa. Calamo-nos reverentes. Maria Ofélia com 100\$.

Doadora de sangue com outros cem.

Estão aqui agora 365 escudos amealhados durante o ano dia após dia para ajuda «dos nossos irmãos do Calvário». Quem dá fé da riqueza deste gesto? Alguém com 1.000\$. Leopoldina com 50\$, pelo marido e pai. Dra. Luíza com 500\$00. Anónima da R. das Papoilas com 50\$. Etelvina com 240\$. M. Isabel de Cantanhede com 50\$. Capitão com 400\$. Grupo 7 e 6 = 13 com 50\$. Anónimo com 100\$. Mãe e dois filhos, com 60\$. Senhora idosa de Lisboa com 100\$ costumados. Duas irmãs muito amigas com outro tanto. Por alma de Florinda 500\$. Aos 92 vem com 500\$ e um desejo enorme de morrer pobre. Que lição para os ricos e para os Pobres! Duas irmãs com 2.000\$ por alma de seus tios. M. Guiomar com 1.000\$. Maria do Resgate com 500\$. Senhor de Évora com 400\$ e alguma roupa. Assinante de Aveiro com 1.000\$ para ajuda do Bernardo. Manuel Pinto com 200\$ que haviam sido destinados a sessão de cinema. J. Henrique com 200\$. Alguém pede sufrágio pela mãe. Conferência Vicentina do Crato com 100\$. Equipe de casais do Porto com 750\$00. José Maria com mais 1.000\$ para o Bernardo. Maria Emília de Melgaço com outros 1.000\$.

Pobre viúva com 50\$. Mãe aflita com o filho no Ultramar com migalha mensal. Professora de Ovar com 2.000\$. Maria Edwiges de Alcobaca com 70\$. Alguém com o fruto de muito trabalho. Peadora de Deus espera protecção, com 100\$. Por alma de um irmão mais cem. M. Amélia com mais outros 50\$. E Luíza também. Conferência de Rebordões com 109\$. Lina com mais 400\$ «com muito amor ao Calvário». Vem de Luanda. Da C. G. D. de Braga 40\$ mensais. Maria — a criada que junta 5\$00 por mês — vem com 60\$. Amiga da Palhaça com 250\$. Ermelinda com 50\$. Assinante com 90\$. Berta de S. Tirso com 1.000\$. Da Aeronáutica Civil 3000\$. Maria da Saudade pede que Deus a ajude na sua cruz. Alda Santos com 400\$. A. Mouriz com 50\$. Admiradora da Obra com outro tanto. Maria José com o dobro. Da Sociedade de Cristais a mesma quantia. E ainda outro tanto de Maria Adelaide, e de António. Anónimo de Aveiro com 720\$. Professora de Monção com 100\$. Senhora do Porto com uma máquina de cortar relva. Esta vai andar um primor dora avante.

Estão aqui assinantes do jornal a depor também para os doentes. O 19109 com 20\$. O 31040 com 500\$. O 32889 com 20\$. O 19205 com 30\$. Um de Alcobaca com 100\$. O 22935 com 150\$. O 550 com 50\$. Com outro tanto o 10991. O 5400 com cem. O 4703 com metade. E o 26157 com 25\$.

As Irmãs Doroteias do Porto vieram mimosear os doentes com doces. Não sei bem quem mais se regalou, se elas se elas.

No Montepio de Lisboa deixaram-nos estes donativos. Assinante 4223, 20\$. Rosalina, outro tanto. Coronel Silva 50\$. Um pecador 250\$. M. Luísa 30\$. Anónimo 500\$. M. A. S. 20\$. Duas irmãs

60\$. Assinante 6629 500\$. Maria Manuela 12.000\$. Portuense 120\$. Anónima 10\$. C. P. S. 100\$. E Tarcísio 20\$.

De Monforte da Beira lençois. Quem manda mais? De Castro Daire 20\$. Da Golegã 30\$. De Vila da Feira 50\$. Da Praia da Aguda igual soma. De Rebordões 25\$. De Ferreira do Zêzere 100\$. De Castelo Branco 120\$. De Campo Maior mais outros cem. De Braga 40\$. Da Covilhã 500\$. De Areosa 20\$. Da Rua de S. Bernardo 200\$. De Portalegre 50\$. De novo Castelo Branco com cem. E de Coimbra 50\$.

Padre Baptista



Do que nós necessitamos

Tivemos, há dias, a visita do nosso antigo companheiro desta Casa, Fernando Serra, que desde há anos se encontra labutando em Inglaterra. Foi com alegria imensa que o abraçámos. Relembrámos tempos idos e falou-se de tudo que diz respeito à nossa Obra.

Quase à despedida, puxa por dinheiro e deixa-nos uma lembrança para as maiores necessidades.

Como é grato aos nossos Pais, verem que um dos seus filhos mais velhos, não esquece a Casa que o abrigou durante anos e o lançou na sociedade. Bendita gratidão.

Que o Senhor te ajude, a ti e aos teus, amigo Fernando.

50\$, de Maria Helena, da Foz do Douro. Amadora com 50\$. Maria com 50\$. Porto com 100\$. Os costumados 75\$ mensais, em selos de correio, também da Amadora. Mais 50\$00. de Guimarães. Roupas e calçado e medicamentos de Lisboa. Pneus usados do Porto. Mais calçado e roupas de Monção, Pombal e Rio Tinto. Fato de banho e calções de Lisboa. Quem dera muitos mais!...

Do Sr. Manuel da Rua da Corticeira, presenças de vários meses, sempre agradáveis. De visitantes no dia de S. João, (há 11 anos que não faltam!) 800\$+10\$ e várias assinaturas. O Porto, com 300\$. Duas irmãs enfermas, com 20\$. Um disco com um trecho alusivo a Pai Américo, de Discos Rapsódia, L.da. 3.000\$00 de E D M. Mais 200\$ de Leiria. Rio Tinto, presença também mensal, com duas vezes 100\$. Ass. 1940, com 500\$ e a certeza de que tudo nos chega às mãos. 1.000\$ de Pedrouços. Do grupo de Confraternização Anual do Comércio de Ferro, Ferragens, Ferramentas e Metais do Porto, 605\$60, importância numa quiete feita durante o seu passeio anual. E temos promessa de que todos os anos hão-de voltar. Obrigado pela vossa lembrança, e até à volta Amigos.

Da Missão Católica Portuguesa, em Munster — Alemanha, 88,50 Marcos. L. M. com 20\$00. Parte dum prémio do Totobola, rendeu-nos 709\$00. Lages das Flores, 100\$. Senhora de Lisboa, em visita deixou-nos 100\$. Migalhas de algumas almas da 3.ª classe, 12\$50. Mais 100\$ de Leiria. Do Dondo — Angola, 100 angolares. Novamente Amadora com 40\$. Presença conhecida e silenciosa da R. da Madalena, com os 20\$ mensais. «Amarurada pelo dia 22», com os 50\$ do costume. E mais 50\$00 «Para o Pobre mais pobre». Temos recebido. O Senhor a ajude.

Avó de Moscavide com 50\$. Ass. 10704 com roupas. Mais vestuários do nosso Amigo ass. 18223, d Porto. Mais uns cal-

ções de banho. Mais 500\$, de C. S., do Porto. Ass. 11366, com 100\$, agradecendo a Deus os bons resultados escolares. Dá-fundo com 200\$. F. T. F. com 20\$. Do Porto, 20\$. C. C. Palma, do Canadá, com um sacco de roupa. Mais 100\$ de Águeda. Todos os anos, por esta altura, cá temos a visita do Pessoal da Fábrica de Malhas «Marão», do Porto, que se desloca em romagem de saudade, a pé, trazendo-nos as suas migalhas existentes no mealeheiro da Fábrica. Este ano, trouxeram-nos 481\$80 e um sacco com selos usados. Deus lhes pague. E até ao ano.

40\$ — «Envia-nos esta migalha uma rapariga universitária que necessita de muitos pedidos para o Céu. Espero o vosso auxílio espiritual». Por todos vós, benfeitores e amigos, levantamos as mãos ao Senhor, 4 vezes ao dia.

Mais 100\$00 para «Obra de Deus, para os Pobres». 50\$00 do Porto. Ass. 25652, com 50\$. Do mestre da traineira «Niza», 150\$. Do Pessoal da traineira «Francisco da Cruz», 1.611\$70. Que o Senhor dos Navegantes, vos proteja. Mais 100\$ de Gavião, lembrando a «partida» de Pai Américo. Amigo da Obra, com 200\$. Mais 100\$ do Porto. 900\$ de P. R., de Lisboa, calçado de Cicónia Industrial, L.da. Mais roupas de Lisboa-1. E mais 1.000\$ e uma legenda que é toda ela fruto de amor

a esta Obra de Deus: «Cada escaleta que subimos na nossa vida, um lance é sempre voss». F. A. M. A.»

«Uma universitária portuguesa», com 100\$, em acção de graças pelo êxito de dois exames. Ass. 14197, em cumprimento duma promessa, 100\$. Igual quantia da Ponta do Sol. Mais 400\$ duma promessa. 20\$ de Braga. 150+150\$ de Junho e Julho. Mais 50\$ de algures. 500\$ de Lisboa. E Vilar Formoso com 300\$00. De Lourenço Marques, 600\$. Um primeiro ordenado semanal, 75\$. M. A. Neves com 200\$. Da Foto-Arte de Amarante, 200\$, dum amigo de Quelimane. P. Curado, com novo cheque de 100 francos. «Anónimo reconhecido», de Gaia, com 50\$. E mais 50\$ duma funcionária dos correios de Lisboa, que se encontra de férias no Algarve. Tanto anseio conhecer este recanto português, e não há meio!

Várias presenças do sobrevivente do casal R. D., de 50\$. Caravelos com 250\$. Senhora de Angola em visita, deixou-nos 1.000\$+50\$. Mais 500\$00 duma visitante entregues na tipografia. 100 de J. L.

Para terminar, uma carta amiga, com 150\$. Ela aqui vai:

«Mandamos-lhe uma pequena lembrança, para qualquer necessidade mais premente dos nossos «irmãozinhos gaiatos»:

A OBRA DA RUA

em MOÇAMBIQUE

Cont. da PRIMEIRA página

esperança delas nos conforta e compensa do esforço tremendo em que nos empenhamos e do aumento de responsabilidade que nos compromete. Deus esteja sempre conosco. Ou antes: estejamos nós sempre com Ele, preocupados apenas em seguir de perto o Seu Cristo, nosso Mestre e nossa Luz, afim de nos não perdermos do Caminho, nem por preguiça que nos deixasse para trás, nem por presunção que nos atrasasse adiante dEle.

Tenho gasto já uns bons momentos a olhar a carta topográfica da quinta na procura da melhor implantação da Aldeia. Quando fomos para Angola, a viagem de barco proporcionou-me tempo para o primeiro esboço do que pre-

tendíamos realizar. Desta vez, não terei tal oportunidade. Outra há-de surgir. Que não sejamos nós a atrasar o começo da obra, que nos permitirá dar efectivação àquilo que nos leva a Lourenço Marques: receber rapazes sem família ou como se a não tivessem; por isso sujeitos a muitos perigos.

Que o Povo de Moçambique, de quem, sobretudo, dependerá o resto, vá preparando nas suas inteligências e nos seus corações a mesma decisão de não atrasar. Daí fluirá a seiva vivificadora da Caridade que, circulando rumo à Justiça, nos há-de permitir ir até onde Deus quiser que cheguemos e a todos trará o cumprimento da palavra divina dada a quem se preocupa em primeiro lugar com o Seu Reino: Na Terra cem por um; depois o Céu.

Lar Operário em Lamego

Não podemos queixar-nos abertamente da gente da cidade. Se há muitos que passam indiferentemente, são em maior número os que nos dão provas de estima. Temos recebido verdadeiras demonstrações de carinho na deliciosa fruta que nos oferecem, nas roupas, e em toda a espécie de géneros alimentícios que frequentemente nos chegam a casa. Há dias fomos contemplados com uma secretária, várias cadeiras e uma estante muito prática. Algumas pessoas já lembraram para enviar mensalmente um rapaz a receber cotas que vá-

Está em expedição o livro

Ovo de Colombo

Se não é assinante da nossa Editorial e deseja possuir mais esta obra de Pai Américo, basta fazer o seu pedido de remessa em um simples bilhete postal.

não nos agradeça, meu Padre, nós é que temos que vos agradecer continuarem a despertar-nos, a espicaçar-nos, a não nos deixarem amolecer e ficar desinteressados de tudo o que não seja o nosso eu, as nossas necessidades, por vezes tão mesquinhas.

Continuamos a não ter uma vida fácil, meu Padre, mas talvez seja melhor assim, desde que a saibamos encarar de frente, com fé e alegria. De vez em quando, os problemas fazem-nos ir a baixo, mas as vossas orações e as dos outros temos a certeza de que não nos têm faltado visto que conseguimos voltar ao de cima, e caminhar em frente, outra vez.

Deixamos-vos, por hoje, e prometemos voltar logo que pudermos.

Um casal muito amigo»

Obrigado Amigos e até sempre.

Manuel Pinto

rios ofereciam espontaneamente. Não há razão pois, para queixas, mas não sabemos explicar porque diminuiu a venda de «O Gaiato». Aqui está uma maneira prática de pagar as cotas a que alguns se referiram. A troco do jornal entregavam uma moeda que depois se transformaria em pão.

É para nós difícil montar uma escrita, fazer livro de talões, conferir se estão, ou não, em dia, lembrar um débito contraído livremente e dispôr dos rapazes que estão ocupados em todos os dias úteis. Temos de concordar que mais simples e menos odioso; mais prático e mais agradável é a compra de «O Gaiato».

Acrescem ainda várias razões e algumas bem merecem ser consideradas. Uma é a alegria que os rapazes têm quando alguém lhes compra o jornal. O mundo tem falta de verdadeira alegria. Há muito ruído, muito passatempo, muita gargalhada que pretende ocupar o lugar duma alegria que não existe. Valia a pena assistir à chegada dos vendedores e ouvir o relato do que se passou com eles durante a venda. É manifesto o triunfo e a satisfação dos que espalham mais jornais. E se os queridos leitores reflectirem verão que é fácil multiplicar à sua volta momentos de alegria que valem tanto como pedaços de pão.

Outra razão que se impõe à compra de «O Gaiato» é a doutrina ali exposta. Não há-de ser a qualidade de papel, ou o tamanho do jornal que nos leve a adquiri-lo. Dizia Pai Américo que sairia sangue se picássemos as letras de «O Gaiato»!!!

Nele encontramos vida, encontramos verdade, encontramos luz!!! Quantos testemunhos de corações modificados, de almas elevadas para Deus, através da leitura de «O Gaiato»!!!

É um jornal diferente de todos os outros. A sua missão é activar o amor entre os homens, é despertar interesse e carinho pelos que sofrem. Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça — diz o Senhor — e o «Gaiato» não pretende outra coisa senão levar a inquietação para que chegue às mãos de cada um aquilo a que tem direito. Vê lá, querido leitor, se no futuro por causa de ti e por causa dos outros, adquirires o jornal que os pequenitos anunciam todas as quinzenas.

Padre Duarte



De velho, modesto e provado Amigo recebemos esta carta:

«Os meus cordeais cumprimentos. Esta tem por fim o seguinte:

Já é a quarta vez que recebi em anonimato cartas como esta que remeto a V.

Ora eu, sou contrário a estas porcarias e quando as apanho, rasgo-as em bocadinhos e faço um holocausto.

Mas tenho pessoas amigas que têm recebido estas mensagens e ficam tão apavoradas que não sabem reagir, pelo motivo das ameaças que a tal mensagem faz, embora eu as aconselhe a fazer o mesmo que faço. Ora como não tenho a autoridade de esclarecer o assunto, eu vinha por este meio, muito respeitosamente, pedir a V. a finessa de dar-me o seu conselho, e modo de agir, para com esse escrito provar

Crendices

que essa mensagem não tem valor nenhum e só serve para embrutecer as consciências dos fiéis.

Pedindo muita desculpa do incómodo, sou de V. seu amigo sincero, que o abraça afectuosamente».

Estamos no Ano da Fé. Esta é realidade inversa da credice.

A carta que vinha anexa à que acima publicamos é uma

de 140 cópias (Apre! Parece-me que antigamente não eram tantas!) de vulgar corrente de orações; que: ou se mantem e produz coisas boas, desde a sorte grande à cura de doenças; ou se interrompe e causa malefícios, desde fogo em casa a um atropelamento de pessoa de família, ou chumbo num exame!

Que teria feito o Santo Apóstolo Judas Tadeu, para ainda sofrer tais andanças quase

2.000 anos depois do seu martírio?! E que hei-de eu acrescentar ao que tão expressivamente diz o nosso correspondente quando afirma que «esta mensagem não tem valor algum e só serve para embrutecer as consciências dos fiéis»?!

É isso mesmo: embrutecer as consciências! E como a Fé é um dom de Deus que ilumina a nossa inteligência, já se compreende porque a credice que embrutece está, objectivamente, em sentido oposto à primeira virtude teológica.

O pior é que não é sòmente nestas «cadeias de orações» que se manifesta a credice do Povo simples e pouco esclarecido acerca da realidade interior que é, primariamente, a Religião. A credice, esta confiança infantil no poder mágico de certos actos ou gestos a que se dá um significado ritual, manifesta-se muito frequentemente nas promessas, na cera, sejam velinhas ou figuras, no relativismo de valorização nas devoções aos Santos, canonizados pela Igreja ou pela idea das gentes... A

verdade é que em geral esta credice rende, produz receitas volumosas que fazem santuários e sustentam até obras boas e úteis à salvação. Talvez aí esteja uma razão do pecado daqueles que não põem devidamente os pontos nos ii, com insistência, com santa teimosia, remando contra ideas illusórias de que é preciso defender o Povo simples e ingénio, eu dir'a mesmo: promovê-lo à dignidade dos autênticos valores religiosos.

Que negócios a gente aqui far'a se aceitasse o statu que e entrasse na corrente! Mas não, a gente adverte, a gente contradiz usos e costumes, a gente escandaliza muita alma boa que aí vem, com as suas promessas mirabolantes, com cera, com a pobreza de espírito que enforma actos que algumas vezes são verdadeiramente penitenciais.

Mas a gente vai por aí fora e depara com as velinhas, com os «ex-votos», que além do mais até são ofensa à virtude da discreção e do bom gosto... — que havemos de fazer?!

Quando se prégara ao Povo reunido nas Festas tradicionais que «o sacrifício de suave odor» que mais agrada ao nosso Deus, é o amor em obras que prestamos aos irmãos?

Claro que os irmãos cereeiros e os vendilhões afastados para longe do templo, ficariam mal, a princípio...

Mas decerto a Caridade e a Justiça os ajudariam e encontrar outro modo de vida!

OVO de Colombo

O correio da Editorial, é a nossa delícia! Ainda ontem foi uma tarde inteira, no ficheiro. De todo o lado chegam notícias do «Ovo».

Um mundo de gente. E de opiniões. E exclamações. E de legendas engraçadas como esta:

«Recebi o «Ovo de Colombo» o que muito agradeço. Ainda não tive ocasião de tomar o gosto à «gema» mas eu calculo que não seja de aviário mas sim de Paço de Sousa. Remeto uma nota de 50\$00. Está bem?»

Óptimo!

Atenção Lisboa! Leiam e meditem. E reparem nas explosões que o «Ovo» gera por esse mundo fora:

«Acabo de receber o «Ovo de Colombo» que tive a linda lembrança de me enviar e que leio com o mesmo gosto com que leio o «Pão dos Pobres» e o «Obra da Rua».

Isto não são livros como outros quaisquer. São jarros de Cristal saídos daquela Rocha que Deus colocou bem alta. Quem nos dera a todos saber trepar e poder atingi-la.

Não lhe chamo Rocha no sentido de dureza mas sim da firmeza com que aquele Santo Pai Américo abraçou o amor até aos extremos, tal qual como

Nosso Senhor Jesus Cristo o ensinou e ele próprio o praticou, também, para no-lo gravar nos corações e nas consciências, essas sim, duras ou endurecidas pelo princípio do mal que gera o egoísmo e todos os outros pecados e males.

Mas Pai Américo venceu o mal e mil dificuldades e gerou essa Obra de amor firme, que perdura e perdurará se Deus quiser e que, como a luz, tanta consolação e tanto bem tem espalhado à sua volta.

E, além deste exemplo vivo ainda teve o carinho e a paciência de nos escrever essas páginas sem confronto, que formam a herança dos seus preciosos livros, que a quem tem a dita de os ler, matam a sede de justiça e ensinam e convidam ao sacrifício doce que nos prégou primeiro o Messias».

Agora, outro assunto, que diz bem da delicadeza dos leitores. Quando oportunamente fomos entrar na expedição dos livros referentes à segunda gaveta do ficheiro, recebemos um S. O. S.! Eram repetições. Quero dizer, assinantes que já haviam recebido um, a quando da primeira edição, em 1954 e, agora, seguiria outro. Passámos os olhos pelas restantes 2.800 fichas e procurámos, dentro do possível, travar o mal. Mas, no entanto, aqueles primeiros que

receberam outro «Ovo» agradecem e ficam muito contentes! «Obrigado por se não terem esquecido de mim, apesar de já ter um exemplar da edição de 1954. Vou oferecê-lo a uma pessoa amiga». Vieram mais do mesmo naipe, com o sentimento dos outros! Se há males que vêm por bem, este foi um. Temos até já muita pena de havermos inutilizado centenas de rótulos.

A propósito do sentido dos outros, reparem no interesse de uma leitora de Matosinhos:

«Acuso o recebimento do «Ovo de Colombo» — joia preciosa da inestimável herança que Pai Américo nos legou — que do coração agradeço.

Peço o favor de me enviar outro exemplar, que pretendo oferecer a um soldado em missão de soberania no Ultramar e agradeça o fizesseis assim que possível, para que possa, como eu, consolar-se com a sua leitura».

Finalmente, um grito de dor, de uma professora lisboeta:

«Calculam bem que a pensão de uma professora primária reformada não lhe permite grandes voos...»

Mesmo assim, se não estivesse encostada à família que Deus me deu, nem este pequenino óbulo poderia mandar. Que o Senhor nos proteja a todos e nos dê um espírito grande e generoso».

Antes de terminar, porém, nova chamada geral aos nossos leitores: temos livros na estante para servir uns milhares!

Apesar da época de férias estar no fim, isso não obsta que o «Ovo de Colombo» seja companheiro na vossa secretária, mesinha de cabeceira ou mala de viagem. Ele é pequenino, no tamanho e número de folhas. Uma omelete que se devora rapidamente!

Júlio Mendes

Filhos ilegítimos?

Cont. da PRIMEIRA página

dos de famílias destroçadas por culpa dos pais. E a estes, quem lhes pede contas? É certo que custa muito mais educar adultos, mas quão precisas eram Tutorias para pais! Mas não há. E a própria lei é tímida em relação à chamada deles ao seu gravíssimo dever. Do meu contacto com Tribunais e Curadorias de Menores tenho-me apercebido de que a lei por que se regem os Serviços Jurisdicionais de Menores pressupõe demasiadamente os direitos dos pais, e defende debilmente os direitos dos filhos. Ora no jogo humano dos equilíbrios estabelecidos entre forças tendendo em sentidos diferentes, parece-me que seria mais normal que as leis em prol dos menores, cuidando embora de não ser agressivas para ninguém, puxassem mais a brasa à sua sardinha, pugnando mais calorosamente pela autêntica defesa deles, não só nem talvez tanto, em ordem à solução da crise anedótica que os trouxe ao Tribunal, como no acautelar e assegurar do seu futuro nas condições mais próximas possíveis de uma Família sã, daquela, para quem só muito rara e excepção-

nalmente são precisos os Serviços Jurisdicionais de Menores. Parece-me construtivo conceber os Organismos Jurisdicionais de Menores como um Serviço de Saúde Social e Moral. É em vista de doentes, pois, que eles existem. De doentes que é preciso curar e reintegrar no seu meio natural. Ora se este meio natural, o primeiro de todos, é a Família, a família sã, com que austeridade não deve a lei cuidar de que os pais ilegítimos, ou os legítimos que perderam o sentido do seu gravíssimo dever, «atenuem o mal que causaram, na medida do possível», por uma conversão de vida (óptimo!), ou por obediência à imposição da Autoridade (do mal o menos!), ou por assunção pela Autoridade, do gravíssimo dever em relação àqueles filhos cujos pais são incorrigíveis (e se prendam por castigo), ou são moralmente irresponsáveis (e se internem por prevenção e assistência social).

Visado pela Comissão de Censura



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE